

EDITORIAL

Nesta edição da *ANTROPOlógicas*, propomos ao leitor uma reflexão sobre os processos (de construção) e os modos (de expressão) da *Identidade* no Homem contemporâneo, perspectivando a manifestação acelerada de fluxos vários (que o constringe para além do que racionaliza), e os sentidos da resposta a esta realidade. Os textos que constituem este número temático resultaram quer de um *call for papers* aberto à comunidade científica, quer de convites directos a investigadores de áreas bem diversas, que sabíamos a trabalhar temáticas de cariz identitário. A todos agradecemos a colaboração neste número da *ANTROPOlógicas*. As suas prestações tornaram a nossa tarefa editorial muito gratificante.

A decisão quanto ao alinhamento editorial dos artigos tornou bem claro o quão profundamente transversal é a temática da identidade: por onde começar este alinhamento e em que ordem colocar os textos, foram questões que se colocaram e que poderiam ter tido resposta sob formas várias, de tal modo os artigos de fundo se entrecruzam nos temas, nas análises e nos alicerces teóricos. Podendo a *Identidade* ser conceptualizada como um sentido de pertença a um *local* ou *lugar*, este último entendido não na sua vertente geográfica, de espaço euclideano, mas sim como um sentido de experiência fenomenológica, podendo assim assumir formas que não se coadunam com o sentido clássico de *território* (como aliás os estudos sobre diásporas, dos quais as contribuições neste número de Susana Pereira Bastos e Naomi Leite são um exemplo, tão bem demonstram), a decisão quanto ao alinhamento pautou-se por um desenrolar de textos construídos a uma escala de análise mais global – início marcado pela contribuição de Luísa Vasconcelos sobre *Expressions of identity in the reconstruction of spaces and citizenship* – para terminar com uma análise de algo profundamente local (ou localizado?) – um remate concretizado pelo texto de Kolankiewicz, *Between Science and Life – Malinowski's and Hastrup's fieldwork experiences*.

Neste percurso, abordando-se *Expressions of identity in the reconstruction of spaces and citizenship*, Luísa Vasconcelos propõe uma reflexão sobre os impactos produzidos pelas dinâmicas de mundialização e fragmentação, ao nível dos processos de construção/desconstrução identitária. Segundo a autora, estes impactos traduzem-se em alterações nos relacionamentos políticos e económicos que redesenham a geografia político-económica, em formatos para o qual concorrem actores diferenciados, não mais, necessariamente, os Estados.

As modificações produzidas e a diversidade de novos actores são igualmente analisadas por José L. Carneiro em *A pobreza e as migrações: a transposição do conflito Norte/Sul para o interior do mundo desenvolvido*. Nesta abordagem, reflecte-se sobre o contexto de (in)segurança colectiva e a expressão dos movimentos migratórios nos sistemas sociais e culturais, enquanto determinantes de uma (in)tensificação da divisão Norte Sul.

Em *Indianité et changement chez les Autochtones des Amériques: héritage et perspectives*, Victor da Rosa e Jean Lapointe focalizam o debate, apresentando a relação de parcerias entre povos autóctones do Norte e do Sul do continente americano enquanto possível impulsor de preservação de direitos políticos e económicos legítimos, com significativos impactos sócio-culturais induzidos, no Canadá e outros países do continente americano.

Ao nível do processo de construção da identidade política, Cláudia Ramos em *Discurso parlamentar português e construção da identidade política no contexto da integração europeia* parte da afirmação da simplicidade analítica da associação entre 'oposição à adesão à EU/conceptualização identitária essencialista' e 'apoio à adesão EU/concetalização identitária construtivista' para reflectir sobre a hipótese da europeização das identidades nacionais, em discussão na literatura. A autora propõe como fonte e metodologia adequada para esse debate a análise do discurso parlamentar, em particular o português.

Do espaço parlamentar português e seu discurso como modo de narrativamente construir uma identidade passamos, em *Muddling Through Complex Contexts: Making Sense out of a Myth* de Idalina Baptista e Lia Vasconcelos, a uma outra narrativa em e sobre um espaço nacional. Partindo de uma perspectiva do planeamento do território, e através da análise de textos saídos na imprensa, as autoras mostram como, ao

longo de várias décadas, o projecto do Alqueva foi sendo objecto de diferentes narrativas que representavam valores e assumpções também eles diferentes, enquadrando assim de modos igualmente diferentes a(s) política(s) que presidia(m) à defesa da construção da barragem.

De um texto profundamente ligado com um lugar e ao seus modos vários de o significamente narrar, passamos a um outro que, partindo também de uma consideração central do espaço, pretende elevar-se sobre o mesmo por forma a modelizar as relações das comunidades humanas que os habitam. O texto de Sandra Wallman, *Migrant in Cities: Modelling Urban Identities* leva-nos para duas cidades multiculturais por excelência – Londres e Turim – e para os diferentes destinos (exclusão *versus* integração) que as comunidades aí imigradas vão conhecer, tentando relacioná-los com características-base do sistema urbano em questão (fechado e homogéneo *versus* aberto e heterogéneo, respectivamente).

Tendo entrado em contextos urbanos e de imigração, é precisamente em tal campo que nos mantemos com o texto de Elsa Rodrigues, “*Somos um bocado marginalizados?”/“Somos nós que marginalizamos os outros”: estratégias plurigeracionais de construção de identidades migrantes portuguesas em Paris*. Num contexto (Paris metropolitano) e numa temática (jovens ‘imigrantes’ de segunda geração) por demais actual, voltamos neste texto à natureza contextual e fluida da identidade social já abordada no artigo de Cláudia Ramos, e agora claramente enunciada pela análise do processo de construção de uma ‘comunidade portuguesa imaginada’ alicerçada num movimento de fluidez estratégica entre uma identidade portuguesa e uma identidade francesa, e onde, nos discursos dos jovens portugueses estudados por Elsa Rodrigues, a identidade *maghrébin* surge como referente oposicional.

Susana Pereira Bastos mantém-nos quer nas práticas constitutivas de identidades e fronteiras sociais de qualidade pluri-referencial e sincréticas, quer em contextos urbanos de imigração. Neste caso, *Identity Porosity in the Portuguese-speaking Hindu Diaspora: some reflections on syncretic work*, coloca-nos junto de comunidades hindu que a autora encontra em Londres e Leicester e que aí chegaram mercê um longo processo histórico que, de permeio, os levou à então África britânica e África portuguesa, nomeadamente a Moçambique e no pós-74 a Portugal continental, particularmente a Lisboa.

O sincretismo identitário identificado por Susana Pereira Bastos – e coincidentemente o papel que uma *identidade portuguesa* tem na identidade que se constrói – surge-nos, embora sob formas diferentes, de novo em Timor, pela mão de Paulo Castro Seixas. Em *Portugueses em Timor: de interpretes étnicos a interpretes nas globalizações*, é-nos detalhadamente descrito o papel da presença portuguesa (colonial e pós-colonial) na construção de uma identidade timorense supra-étnica, de uma imaginabilidade nacional a partir de um sentido de ‘communitas’ que parece materializar-se sócio-espacialmente na identidade Kafir e na cidade, e capital de distrito, de Manatuto.

De diferenciação étnica e suas estratégias de demarcação – onde curiosamente uma ideia de *identidade portuguesa* joga também o seu papel – fala-nos também *Ciganos, ‘tendeiros’ e ‘senhores’: fronteiras identitárias*. Do mesmo modo que Elsa Rodrigues, Ana Brinca parte de uma análise dos comportamentos, mas principalmente dos discursos verbais da comunidade cigana sobre o seu sentido do Eu, nomeadamente através da triangulação com as duas categorias identitárias exógenas e as relações variáveis de aproximação/distanciamento que vai tendo com elas. Assim, o seu texto não se auto-limita a uma análise da ‘retórica do Nós e do Outro’ retratando-nos o grupo étnico ou família cigana não só como um espaço de união dos seus membros, mas como também um espaço de fronteiras internas onde se jogam oposições, competições e conflitos.

De relações de oposição em contexto de processos de identificação fala-nos Shawn Parkhurst. Situando-nos no contexto da região e identidades alto-durienses, *Identity and Contexts of Regional Identification: Institutional Stages, Interregional relations and Images of regional Gender in the Alto Douro of Northern Portugal*, mostra-nos como relações de classe e de género se podem constituir como recursos simbólicos na encenação goffmaniana de uma identidade regional. Do mesmo modo que o texto que o precede, este artigo deixa claro como a diferencialmente localizada escala de análise (neste caso no interior de uma identidade regional, a alto-duriense, e no caso anterior no interior da identidade cigana) nos pode revelar sentidos, não mais fragmentados, mas sim mais plurais e complexos do conceito de identidade, sublinhando assim o seu sentido processual de práticas de identificação.

De identificação é também o que fala Naomi Leite no seu texto *Travels to an Ancestral Past: On Diasporic Tourism, Embodied Memory and Identity*. Tal como Shawn Parkhurst, Naomi Leite é uma investigadora americana a trabalhar um terreno português. No entanto, se o terreno de Shawn Parkhurst se pode caracterizar como profundamente enraizado no espaço no seu sentido mais literal, já o terreno de Naomi Leite, embora também ele muito ligado ao lugar (aborda uma forma de *turismo de raízes*, e neste caso ligado à identidade e diáspora judaicas do solo português), constitui-se com características particulares, pois o lugar que se visita, se é sempre materialidade, é muito mais memória, e logo, sentimento e emoção. O turismo em questão, e os eventos que aí têm lugar, são-nos falados através de uma perspetivação que centraliza o papel do corpo e da experientiação do lugar nesta construção de um sentimento de pertença, e logo de identidade.

Marginalmente sobre turismo, mas centralmente sobre o sentido de um lugar e os modos de o produzir, apresenta-se o texto de Paula Mota Santos. O lugar é de novo uma cidade – o Porto – e a análise é de novo sobre os discursos que tecem uma identidade tida como específica a esse lugar. Em *Through the Looking Glass – historical production, photographic representation and the sense of place in Porto's old city*, a autora leva-nos através de uma mesma materialidade – a fotografia (aqui mais enquanto objecto do que enquanto prática social) – ao confronto de dois modos de representação, e logo de experientiação da cidade: o dos serviços de turismo da câmara municipal e os dos habitantes do Porto antigo de modo a sublinhar a natureza ontologicamente diversa do espaço humano.

Between Science and Life – Malinowski's and Hastrup's Fieldwork Experiences, fecha o conjunto de artigos de fundo deste número da revista. É um texto que aborda as questões de identidade/identificação ao nível mais central do trabalho antropológico, ou de qualquer outra ciência social que utilize o trabalho de terreno como forma de ganhar entendimento sobre realidades humanas. Marta Kolankiewicz oferece-nos uma reflexão sobre as experiências de trabalho de campo (o *being there*) de Malinowski e Hastrup, centrando a sua análise na relação entre o Eu do antropólogo e o Outro do objecto de estudo e as tensões que a identificação e desidentificação com o último podem levantar.

Seguem-se as rubricas usuais na *ANTROPOlógicas*: a rubrica de Sérgio Lira sobre um museu – neste número, o Museu da Horta na ilha do Faial – recensões e notícias sobre dois congressos: o Congresso Nacional de Antropologia e o Congresso Internacional Sobre Cidadania(s), ambos a ter lugar em 2006. Neste número incluímos ainda uma listagem dos projectos que, entre outros, estão a decorrer no CEAA ao abrigo do programa de financiamento plurianual a unidades de I&D da FCT. E finalmente, a chamada de trabalhos para o próximo número de *Antropológicas* cuja responsabilidade editorial será de Alcinda Cabral e Rui Maia e que se centrará à volta de dois eixos fundamentais: a *integração social e económica de imigrantes* em Portugal e *migrações rurais/urbanas e transição demográfica*.

As Editoras,
Paula Mota Santos
Luísa Vasconcelos